

A DÉCADA DAS COOPERATIVAS

***Roberto Rodrigues**

Nos últimos dias de outubro passado, cerca de 10.000 representantes de cooperativas de uma centena de países se reuniram em Manchester, na Inglaterra, sob o comando da Aliança Cooperativa Internacional (uma espécie de OCB planetária) para encerrar oficialmente as celebrações do Ano Internacional das Cooperativas, estabelecido em 2012 pela ONU.

Ratificando posição anteriormente anunciada, a ACI fez chegar aos participantes do magno evento sua visão sobre o tema: 2012 não é um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida para o cooperativismo mundial.

E os representantes de todo o movimento se comprometeram com uma agenda que considera ações globais voltadas a:

- difundir a doutrina e o ideário cooperativista com o objetivo de atrair mais gente para o movimento.

- ajudar a criar cooperativas em todo o mundo, com ênfase nas regiões mais pobres, tendo em vista permitir a pequenos produtores isolados o acesso ao mercado, em conjunto com seus iguais.

- convencer os governos destes países - e do mundo todo - a criarem instrumentos legais e/ou regras que, sem oferecer privilégios às cooperativas, abram a elas condições de desenvolvimento isonomicamente em relação às demais empresas vigentes.

- convencer os países a criarem fundos destinados à capitalização das cooperativas, sobretudo na África e América Latina.

Na verdade, a ACI está lançando uma campanha mundial vigorosa para levar a toda parte a doutrina e o modo cooperativo de fazer negócios em um nível diferente. E o objetivo é chegar ao ano de 2020 com este modelo de negócio reconhecido como:

- o modelo de crescimento empresarial mais rápido
- o modelo preferido pelas pessoas comuns
- o modelo reconhecido como líder em sustentabilidade econômica, social e ambiental.

A década chamada pela ACI de Década das Cooperativas (2011 a 2020) estará considerando, neste esforço, as tendências contemporâneas centrais, tais como:

- degradação ambiental e esgotamento de recursos naturais.
- instabilidade do setor financeiro, com consequente desigualdade de renda.

- falta crescente de governança e lideranças globais.
- marginalização aparente de gerações mais jovens.

Nesse contexto estão analisadas algumas mudanças dramáticas, lastreadas no crescente desejo dos cidadãos de participarem dos negócios e das decisões políticas. Tudo isso contrasta com os modelos vigentes, seja nos negócios, seja nas ações dos governos.

Estas tarefas serão monitoradas pela ACI, em todos os países membros, mas outras instituições de peso se preparam para colaborar, como a FAO, que, em junho passado, criou um novo setor para impulsionar o cooperativismo agropecuário.

Em resumo, um gigantesco movimento em favor das cooperativas vem sendo preparado e seus resultados poderão ser notáveis inclusive quanto à segurança alimentar. Não é por outra razão que o lema do Ano Internacional do Cooperativismo é: “Cooperativas constroem um mundo melhor”.

A propósito da segurança alimentar, o Papa Bento XVI enviou carta ao Diretor Geral da FAO, expressando sua opinião a respeito do papel das cooperativas neste tema, afirmando:

Devido a prioridade à dimensão humana, as cooperativas agrícolas podem ultrapassar o aspecto técnico do trabalho agrícola, reavaliando a centralização da atividade econômica e, favorecendo assim respostas adequadas às necessidades locais. Trata-se de uma visão alternativa àquela determinada pelas medidas locais e internacionais que tem como único objetivo: o lucro, a defesa dos mercados, o uso não-alimentício dos produtos agrícolas e a introdução de novas técnicas de produção sem a precaução necessária.

Frente a uma demanda por alimentos cada vez mais importante que combina a qualidade e quantidade de alimentos, o trabalho das cooperativas agrícolas pode representar algo a mais do que uma simples inspiração, mostrando concretamente um meio possível para satisfazer a demanda crescente da população mundial.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**